

Os novos sotaques da renegociação da dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — É provável que as futuras renegociações da dívida externa dos países da América Latina venham a sofrer mudanças de estilo, e até de conteúdo. Isso se deve ao fato de que bancos europeus e japoneses estão pressionando para participar dos comitês de assessoramento formados pelos banqueiros que, de fato, negociam com

os funcionários dos países devedores. O interesse tem um objetivo básico: reduzir a influência dos bancos americanos, que hoje praticamente ditam as regras do jogo.

— Têm surgido queixas de que os comitês assessores encaminham o diálogo com os devedores para produzir um resultado que convenha mais aos bancos americanos — comentou um banqueiro europeu, que está em Nova York negociando o reescalonamento da dívida do México.

Os mexicanos, aliás, serão os primeiros a sentir na prática as esperadas mudanças de rumos. Afinal, embora ainda seja liderado pelo Citibank, o comitê assessor encarregado do México agora tem maioria “estrangeira”: oito europeus e japoneses e sete americanos. A alteração se deu com a recente inclusão do Sumitomo Bank Ltd. e do Midland Bank PLC, de Londres, que negociam com o Brasil, a Argentina e a Venezuela.